



Dockanema 2010

Reflexões sobre história do cinema em Moçambique

48 (Portugal, 2009), um filme de Susana de Sousa Dias, abriu a 5ª edição do Dockanema, o festival do filme documentário de Moçambique, que é já uma referência do género e que voltou a ter uma presença significativa de obras de cineastas portugueses na sua secção 'janela aberta', a par da participação de Sílvia Vieira e de Catarina Simões (esta com o apoio do Instituto Camões), como oradores convidados, num simpósio internacional paralelo, que refletiu sobre a História do Cinema em Moçambique.

A obra da cineasta portuguesa, galardoada este ano no Grande Prémio do Festival Cinéma du Réel (Paris), um dos mais importantes do mundo, parte de um núcleo de fotografias de cadastro de prisioneiros políticos da ditadura portuguesa (1926-1974), procurando «mostrar os mecanismos através dos quais um sistema autoritário se tentou autopropetuar, durante 48 anos», de acordo com a sinopse da própria realizadora, nascida em 1962.

Ao todo, de 10 a 19 de setembro, foram exibidos no Dockanema 99 filmes (oriundos de 29 países, com destaque para Moçambique, França, Brasil e Portugal), que deram origem a outras tantas sessões realizadas em seis salas de Maputo,

a capital de Moçambique.

A *cidade dos mortos* (Portugal/Espanha, 2009), de Sérgio Tréfaut, *Cinema, alguns cortes de censura* (Portugal, 1990), de Manuel Mozos, *Fantasia Lusitana* (Portugal, 2010), de João Canijo, *Fragments de um diário* (Portugal, 2010), de Marcos Martins/André Príncipe, e *Ilha da Cova da Moura* (Portugal, 2010), de Rui Simões, foram as obras de realizadores portugueses integrantes da já habitual secção que pretende funcionar «como uma janela para o mundo, reunindo documentários que se destacam pela sua extensão cultural, política e social», segundo os organizadores.

Filmes de autores portugueses estiveram ainda representados noutras secções do festival dirigido desde 2006 por Pedro Pimenta, como foi o caso de *O lendário "Tio Liceu" e os Ngola Ritmos* (Angola/Portugal, 2010), de Jorge António, na secção 'ritmos urbanos', e *Cinema moçambicano: assim estamos livres* (Portugal, 2010), de Sílvia Vieira e Bruno Silva, na secção 'o sal da terra'. Nesta secção, o Dockanema apresentou ao público «o maior número de documentários filmados em Moçambique desde o seu começo, contando com uma oferta de cerca de vinte filmes de realizadores locais e estrangeiros», tanto de autores consagrados como jovens,



48 (Portugal, 2009), de Susana de Sousa Dias

Uma seleção de obras de artistas portugueses e moçambicanos emergentes, de entre os quais se destacam Pedro Barateiro e Rita Sobral Campos ou David Aguacheiro, Idélio Vilankulos e Mário Macilau, a par de uma curta-metragem da jovem cineasta portuguesa Raquel Schefer, fez parte do evento paralelo *25 Frames por Segundo*, promovido, à semelhança de 2009, pela Fundação PLMJ, em parceria com a AVÍDEOARTE – Associação de Vídeo-arte de Moçambique.

As outras secções do festival – que apresentou uma retrospectiva da obra do holandês Joris Ivens, cineasta falecido em 1989 que foi um dos pioneiros do filme documentário e que, com «sentido de insubmissão e justiça», «filmou o quotidiano e as utopias

dos homens» – foram 'come back África', dedicada aos 50 anos das independências africanas, e 'vuvuzela', tendo como pano de fundo o campeonato do mundo de futebol, realizado recentemente na vizinha África do Sul.

O simpósio internacional sobre a História do Cinema em Moçambique, realizado durante três dias em parceria com a Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), com a participação de especialistas de cinco países, teve como tema "Globalidade versus identidade: reflexões sobre a sua génese, contexto e influência para o entendimento do cinema contemporâneo".

Nos três painéis organizados, focou-se o período que vai "Dos

pioneiros do cinema à resistência política" e, mais além, as "Imagens em movimento como ato de cultura e vanguarda", na pós-independência. No último painel, o tópico foi "Apontamentos para uma cinematografia moçambicana".

«Durante alguns anos, do início de 70 até ao início de 1980, rapidamente Moçambique transformou-se num lugar chave no mapa mundial do cinema experimental e revolucionário. A complexidade e intensidade de que nos dá conta a génese do cinema moçambicano explica em grande medida o seu registo e referencialidade à escala global», referiram os organizadores do simpósio.

Catarina Simão, arquiteta e investigadora, abordou o tema a partir do seu projeto 'Fora de Campo', que se «propõe olhar o Arquivo de Cinema de Moçambique [em recuperação com o apoio da Cinemateca Portuguesa] através das práticas materiais, simbólicas e políticas das sua própria estrutura de memória». Já Sílvia Vieira, autora de um dos documentários exibidos no Dockanema, focou-se no cinema de ficção em Moçambique, de 1975 a 2010, a partir da «recolha, sistematização e análise de dados relativos aos filmes produzidos e entrevistas realizadas aos principais cineastas e produtores moçambicanos».

No dizer de Pedro Pimenta, «quando alcança a sua 5ª edição, o Dockanema não apenas está consolidado entre os principais eventos culturais» de Moçambique, «como vê confirmada a sua importância entre os espaços públicos devotos especificamente a uma expressão criativa – o documentário».



Dockanema reflete sobre cinema em Moçambique

PÁGINA 3